

Aquisição da linguagem numa abordagem psicolinguística: por uma teoria da aquisição da linguagem como processo

Letícia Maria Sicuro Corrêa
PUCRJ

EDIPUCRS – Coleção Memória das Letras

1-GIL, Fernando C.
O Romance da Urbanização. 1999, 148 p.

2-GOLIN, Cida.
Memórias de Vida e Criação. 1999, 219 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL
<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>
E-mail edipucrs@pucrs.br
Fone/Fax: (51) 320.3523

1. Introdução

Essa mesa-redonda, ao colocar lado-a-lado o que é apresentado como abordagens *inatista*, *socio-interacionista* e *psicolinguística* para o estudo da aquisição da linguagem, pode sugerir um contraste de posicionamentos epistemológicos para o tratamento teórico da aquisição da linguagem. Começo, então, por esclarecer que o que foi aqui identificado como *abordagem psicolinguística* para o estudo da aquisição da linguagem é plenamente compatível com uma postura fortemente inatista, que supõe haver, na programação biológica do ser humano, o correlato de uma teoria de gramáticas de línguas naturais (Gramática Universal (GU)), como parte da faculdade humana de linguagem (Chomsky, 1965; 1997). Esse modo de abordagem pode, não obstante, ser compatível com uma perspectiva epistemológica a partir da qual se minimizem as pré-condições especificamente linguísticas para a aquisição de línguas ou se as formulem de forma distinta das teorias de GU correntes.

Independentemente do posicionamento epistemológico que a oriente, uma teoria da aquisição da linguagem deve ser capaz de explicar (i) o fato de qualquer criança ser, em princípio,

capaz de adquirir qualquer língua — o que remete às bases biológicas da linguagem humana; (ii) o modo como as diferentes línguas humanas podem ser adquiridas (ou uma dada língua vem a ser identificada) — o que remete, mais especificamente, às propriedades e ao modo de operação de um aparato dedicado ou adaptado ao processamento de material lingüístico e às condições necessárias para que esse material seja processado (o que pode envolver determinados padrões interacionais); (iii) as alterações que se manifestam no desempenho lingüístico da criança enquanto se processa a aquisição ou identificação de uma língua. Essas alterações não são, contudo, função exclusiva de mudanças do estado de conhecimento lingüístico da criança. Torna-se, portanto, necessário distinguir aquilo que, no desempenho lingüístico da criança, remete a um dado estado de conhecimento lingüístico do que decorre de fatores relativos ao processamento de enunciados lingüísticos. Uma teoria da aquisição da linguagem que satisfaça a (iii) deve ser articulada com uma teoria que dê conta do desenvolvimento de habilidades de processamento lingüístico.

Uma abordagem psicolingüística para a aquisição da linguagem vem ao encontro desses objetivos. Consiste em conceber o processo de aquisição da linguagem sob a perspectiva do processamento lingüístico, assim como em conduzir a análise dos dados do desempenho lingüístico da criança a partir de um modelo de processamento. Consiste, pois, em incorporar uma teoria psicolingüística ao estudo da aquisição da linguagem como processo.

Nessa apresentação, procuro caracterizar o que entendo como sendo as bases teóricas de uma teoria da aquisição da linguagem tomada como processo. Apresento um breve histórico do tratamento da aquisição da linguagem sob uma perspectiva psicolingüística e aponto para dificuldades que vejo como inerentes à constituição do *Estudo da Linguagem da Criança*, como campo de investigação vinculado ao estudo do desenvolvimento da criança. Remeto ao trabalho que venho conduzindo, com vistas a lidar com essas dificuldades, e aponto para o que me parece ser um caminho promissor para a construção de uma teoria da aquisição da linguagem como processo.

2. O estudo da aquisição da linguagem como processo

O estudo da aquisição da linguagem numa abordagem psicolingüística requer um duplo aporte teórico — por um lado, uma teoria lingüística que permita caracterizar o estado inicial do processo de aquisição da linguagem e prover um modelo de língua correspondente ao estado adulto e, por outro, uma teoria psicolingüística que apresente um *modelo procedimental* do estado estável de desenvolvimento lingüístico a ser atingido, ou seja, de um modelo que dê conta do modo como enunciados lingüísticos são processados pelo adulto e apresente as propriedades a serem atribuídas a um aparato processador da linguagem.

A articulação entre teorias lingüística e psicolingüística pressuposta nesse tipo de abordagem é, no entanto, de difícil realização. Nos anos 60, a Psicologia procurou buscar na Lingüística as bases teóricas para lidar com o processamento da linguagem. Faltou, contudo, levar em conta a mediação necessária entre modelos formais de gramática e os modelos algorítmicos ou procedimentais dos processos de produção e compreensão da linguagem a serem propostos (cf. Fodor, Bever & Garrett, 1974).

Os desenvolvimentos da Psicolingüística, a partir de então, levaram a um temporário afastamento da teoria lingüística, a qual se distanciava da preocupação imediata de prover um modelo de competência passível de ser incorporado a um modelo de performance, ao tentar resolver o problema de conciliar *adequação descritiva* (prover um modelo capaz de gerar as sentenças da língua e somente elas) com *adequação explanatória* (prover um modelo de conhecimento lingüístico que satisfaça a condições de aprendizibilidade) (cf. Bresnan, 1978). Assim, no que concerne à aquisição da linguagem, a pesquisa de orientação psicolingüística conduzida nos anos 70 buscou a formulação de *estratégias* de aquisição de línguas fundadas em pré-requisitos cognitivos¹ ou sob a forma de procedimentos de aná-

¹ O que foi caracterizado por Bever como restrições perceptuais — a forma de gramáticas poderia ser hoje concebido em termos de uma articulação entre sistemas de desempenho e a interface lingüística da gramática.

lise lingüística, os quais se apresentavam, no entanto, teoricamente pouco motivados (cf. Bever, 1970; Slobin, 1973).

Por outro lado, o estudo da aquisição da linguagem vinculado exclusivamente à teoria lingüística voltava-se para a avaliação da competência lingüística da criança, no que concerne à incorporação das regras da gramática de uma dada língua. Esses estudos, além de incorrerem em dificuldades metodológicas por desconsiderarem as demandas cognitivas que tarefas de produção e de compreensão podem apresentar à criança (cf. Corrêa, 1996), encontravam-se mal direcionados, uma vez que a teoria lingüística de então não distinguia claramente o que poderia ser atribuído a um sistema responsável pela capacidade gerativa das línguas humanas (sistema computacional) do que deveria ser caracterizado como conhecimento a ser especificamente adquirido (hoje caracterizado em termos de fixação de parâmetros (cf. Kato, neste volume)).

As dificuldades vinculadas à trajetória histórica dessas teorias resultaram, por um lado, num distanciamento entre o estudo da aquisição da linguagem que parte do *problema lógico* formulado pela teoria lingüística e o estudo da aquisição da linguagem como *processo* e, por outro, numa dissociação entre o estudo do processamento lingüístico, tal como conduzido pelo adulto, e o estudo da aquisição da linguagem. Dessa forma, uma abordagem psicolingüística para a aquisição da linguagem não é predominante quando dados do desempenho lingüístico de crianças são analisados.

3. O Estudo da Linguagem da Criança

O estudo da aquisição da linguagem não necessariamente remete ao problema da identificação de uma língua pela criança. O termo *linguagem*, passível de ser entendido como *língua* ou como *forma de expressão* por meio da língua (ou por outros sistemas semiológicos) admite que sejam formulados diferentes tipos de questões relacionadas ao desenvolvimento da criança. Assim sendo, nem todo o estudo identificado como estudo da aquisição da linguagem, que leve em conta dados do desempenho lingüístico da criança, busca atender aos objetivos (i-iii) acima enumerados.

O conjunto dos estudos que lidam com questões relacionadas à linguagem da criança constitui um campo de investigação sem identidade teórica definida, o qual é usualmente identificado como *Estudo da Linguagem da Criança* (ELC).

Encontra-se presente, nesse âmbito, uma tendência que tomou forma nos anos 80, na qual o estudo da aquisição da linguagem incorpora a idéia de processamento lingüístico. Trata-se de teorias de aquisição da linguagem que incorporam o conceito de *bootstrapping* (desencadeamento ou alavancagem), considerando o modo como o reconhecimento de unidades prosódicas pode promover a delimitação de unidades sintáticas e lexicais (Christophe & Dupoux, 1996; Jusczyk, 1997; Mehler et al, 1988), o modo como o processamento de natureza sintática pode facilitar a aquisição de categorias semânticas (Gleitman, 1994) e vice-versa (Pinker, 1987).

Grande parte do ELC encontra-se, contudo, mais diretamente vinculada à tradição do estudo do desenvolvimento da criança, uma tradição essencialmente descritiva que, quando teórica, apresenta uma orientação generalista² (Bates & MacWhinney, 1982; Kamiloff-Smith, 1985; 1987). Nesses estudos, observa-se uma falta de clareza quanto ao que tomar como problema de aquisição ou como questão de desenvolvimento. A citação abaixo, de um artigo de Kamiloff-Smith (1987), é bem ilustrativa deste ponto.

"(...) I analyse the general cognitive processes involved in outputting long spans of connected utterances. A 3-phase model will be applied to these processes in language acquisition₁, as well as to the process of children's solving of a physics problem" (...) models of language acquisition₂ must include a level of analysis which can capture certain-cross domain processes, rather than be merely restricted to the specific domain of language₃."

(Kamiloff-Smith, 1987, p.187.)

² O termo *generalista* remete a enfoques que assumem haver processos comuns a diferentes domínios da cognição e a teorias de desenvolvimento que propõem a caracterização de fases ou estágios estruturalmente definidos, que se manifestam em diferentes domínios da cognição.

Aquisição da linguagem em (1) pode remeter ao período de tempo durante o qual se processa a aquisição de uma língua e o desenvolvimento das diferentes capacidades e habilidades que possam se manifestar na produção do discurso ou a esse conjunto de processos, considerados de forma indiferenciada. Nesse conjunto, a autora considera ser possível identificar a manifestação de processos cognitivos gerais, i.e. presentes em vários domínios da cognição, os quais determinariam a forma como o conhecimento seria representado. *Language* em (3) parece, por outro lado, dizer respeito à *língua*. Assim sendo, em (2), a autora parece requerer de modelos ou teorias voltados para a aquisição da linguagem, no sentido de língua, a incorporação de um nível de análise capaz de captar processos que se aplicariam a diferentes domínios cognitivos e que, no caso da linguagem, estariam manifestos na produção de enunciados concatenados.

Observe-se que teorias da aquisição da linguagem que lidam com a identificação de uma língua não têm de dar conta do modo como a criança estabelece a concatenação entre enunciados na produção do discurso, visto que essa concatenação não é feita por meio de relações que possam ser exclusivamente definidas em termos gramaticais. Mais do que uma teoria de gramática que iria apresentar princípios que restringem a interpretação de expressões referenciais e de formas pronominais mas não a determina, seria necessária uma teoria da produção de enunciados (correspondentes a sentenças) no discurso para orientar a análise do modo como a criança estabelece essa concatenação. Embora esse possa ser um problema para uma teoria do desenvolvimento lingüístico, no que concerne a habilidades discursivas, não seria um problema para teorias voltadas para a aquisição de línguas, das quais um tratamento para este problema é demandado.

Karmiloff-Smith parece partir de uma concepção de língua segundo a qual conhecimento gramatical incorpora a representação das funções que formas lingüísticas desempenham no discurso. (cf. Karmiloff-Smith, 1979). Contudo, essa concepção é assumida de forma intuitiva, pré-teórica, dado que um modelo de língua (de natureza cognitiva), que materialize essas relações, não é apresentado. Não é claro, pois, de que maneira o conhecimento em questão seria representado. Desse modo, con-

fundem-se questões teóricas — questões relativas ao desenvolvimento de habilidades manifestas na produção do discurso e questões relativas ao modo como conhecimento lingüístico supostamente requerido por essas habilidades seria representado.

A identificação entre aquisição da linguagem e desenvolvimento lingüístico, oriunda da tradição “evolutiva” absorvida pelo ELC tem, dessa forma, dificultado tanto o estudo da aquisição da linguagem, no sentido de aquisição de conhecimento lingüístico, quanto o estudo do desenvolvimento lingüístico. Torna-se necessário, pois, distinguir esses termos.

3.1. Aquisição e desenvolvimento

Aquisição remete a conhecimento — conhecimento do léxico, do que há de específico na morfologia e sintaxe de uma língua, ou mesmo das funções que uma dada forma lingüística pode exercer quando do uso da língua no discurso, como o concebe Karmiloff-Smith (1979; 1987; 1992), embora este ponto requeira qualificação. Por um lado, as funções assumidas por uma forma lingüística no discurso não necessariamente dependem do acesso a um determinado tipo de conhecimento representado, como tenho argumentado, no que se refere às funções do pronome referencial (Corrêa, 1995a; 1999a; 1999b). Por outro lado, parece haver dissociação entre o modo de representação de conhecimento de natureza funcional e conhecimento de natureza gramatical, como sugere a dissociação entre habilidades dependentes de cada tipo de conhecimento em condições anormais (cf. Smith & Tsimpli, 1995). Além disso, os falantes da língua parecem não ter intuições a respeito de funções discursivas de forma semelhante às intuições que têm sobre a língua (cf. Karmiloff-Smith, 1992). Assim sendo, ainda que funções de formas lingüísticas possam ser representadas como conhecimento, essa representação e sua aquisição parece estar dissociada de conhecimento de natureza lexical e gramatical.

Desenvolvimento remete ao desencadeamento de um programa biológico e, como tal, transcorre em função de um cronograma maturacional que pode, não obstante, ser afetado por fatores contingenciais (cf. Kandel, Schwartz & Jessel, 1991). Um programa biológico impõe restrições à forma como o conhecimento pode ser representado e pode determinar o curso

de sua aquisição. Nesse sentido, o estudo da aquisição de conhecimento relativo a uma língua pode ser incorporado ao estudo do desenvolvimento lingüístico. Contudo, nem tudo o que é passível de desenvolvimento e que se encontra manifesto no desempenho lingüístico requer aquisição de conhecimento. O desempenho lingüístico do adulto pode, em princípio, requerer o desenvolvimento do que seria o sistema computacional comum às diferentes línguas (Chomsky, 1995), do sistema de memória adaptado ao processamento da linguagem (Gathercole & Baddeley, 1993), dentre outros recursos necessários à produção e à compreensão da linguagem.

O trabalho que venho conduzindo nos últimos anos tem sido motivado por problemas decorrentes da falta de clareza quanto ao que constitui um problema de aquisição da linguagem, quando aquisição da linguagem e desenvolvimento lingüístico são tomados como equivalentes e aproximados do que é entendido, numa concepção generalista, como desenvolvimento cognitivo. Detive-me, em particular, na questão das formas pronominais

4. A questão das formas pronominais

Formas pronominais apresentam-se interessantes para o questionamento de um tratamento generalista para aquisição da linguagem e desenvolvimento lingüístico, visto que a aquisição e o uso dessas formas têm fornecido aparente suporte empírico para hipóteses que reduzem desenvolvimento lingüístico e cognitivo a processos comuns (Hickmann, 1991; 1997; Kail & Sanchez y Lopez, 1997; Karmiloff-Smith, 1985; 1987; 1992). No tratamento desses problemas, tenho adotado o que foi caracterizado aqui como *abordagem psicolingüística*, buscando aproximar o estudo do processamento lingüístico, tal como conduzido pelo adulto, da análise do desempenho lingüístico da criança (Corrêa, 1995b; 1999a; 1999b).

Dessa aproximação, resulta a proposta de que as funções que formas pronominais assumem no discurso não constituem conhecimento a ser adquirido. Tais "funções" parecem decorrer do modo como representações temporárias equivalentes a sintagmas nominais são mantidas na memória de trabalho e recuperadas quando do reconhecimento (na compreensão) ou da

formulação (na produção) de SNs que com estas compartilhem traços de pessoa, gênero e número. Esse acesso, por sua vez, parece ser afetado não só por um fator discursivo, tal como topicalidade (Stevenson et al, 1994), como também por fatores estruturais. A posição estrutural (i.e. no marcador-frasal atribuído a uma sentença recém-analisada (*parsed*)) dos SNs mantidos na memória de trabalho, caracterizada em função de *profundidade de encaixamento* (Mathews & Chodorow, 1988; Mehler et al., 1978), parece contribuir para a caracterização da acessibilidade relativa dessas representações, quando da interpretação ou da formulação de formas pronominais (Corrêa, 1999a; 1999b). Dessa forma, não há por que propor diferentes modos de representação do "sistema de referência" da língua ao longo do desenvolvimento lingüístico da criança (aquilo que Karmiloff-Smith, 1987 busca relacionar a outros domínios da cognição).

Do ponto de vista da aquisição da linguagem, caberia apenas à criança reconhecer, na língua em aquisição, formas pronominais como referenciais. O fato de a referência ser feita de forma dêitica ou anafórica (alternando ou mantendo da referência local (cf. Corrêa, 1999b)) por meio dessas formas não requer uma representação lingüística específica. Princípios tais como os definidos no âmbito da teoria da ligação (Chomsky, 1981), aliados às restrições decorrentes do modo de operação da memória de trabalho no processamento lingüístico, parecem suficientes para garantir a interpretação e o uso do pronome livre pela criança. Uma vez que crianças aos dois anos fazem uso dessa formas, é possível que, nessa idade, já as tenham operando segundo princípios atribuíveis à GU.

A caracterização do modo como o reconhecimento dessas formas e sua representação se torna operacionalmente viável requer que se recorra ao conceito de *bootstrapping* e que se avaliem as capacidades discriminatórias e de *parsing* de crianças de tenra idade (cf. Corrêa, 1998).

Outros trabalhos têm sido conduzidos nessa linha. Do ponto de vista da aquisição da linguagem, uma abordagem que parte da perspectiva do processamento vem prover uma explicação para o fato de crianças que adquirem o português encontrarem dificuldade na produção da forma reflexiva de primeira

pessoa, quando não têm dificuldade de interpretá-la na compreensão — o processamento desta como uma forma pronominal acusativa garantiria a compreensão caso a criança tivesse representado como reflexiva apenas a forma *se*, que se distingue da acusativa na 3ª pessoa. No português, a ampliação do quadro de reflexivos constituiria, assim, um problema para a criança. (de Andrade, 1997). No que se refere a questões de desenvolvimento, esse tipo de abordagem também possibilita diferenciar o desenvolvimento de habilidades de processamento sintático de habilidades de processamento discursivo, no que se refere à concatenação de enunciados e à coordenação de orações, uma vez assumida a recursividade do sistema gerativo (Rodrigues, 1998).

5. Para finalizar

Retomando o tema da mesa-redonda — Tendências de uma aquisição da linguagem brasileira: no que se refere à “abordagem psicolinguística”, procurei caracterizá-la no contexto teórico-histórico em que se desenvolve o estudo da aquisição da linguagem. Uma teoria da aquisição da linguagem como processo ainda encontra-se, não obstante, em estágio incipiente. Os desenvolvimentos recentes da teoria linguística (Chomsky, 1995), nos quais se vislumbra o tratamento sistemático da articulação entre modelo de língua (interna) e sistemas de desempenho, são promissores, no que concerne à criação do referencial teórico adequado ao estudo da aquisição da linguagem como processo. O estudo dos momentos iniciais da aquisição da linguagem, levando em conta o conceito de *bootstrapping* apresenta-se como uma maneira de uma teoria da aquisição da linguagem como processo dar conta do modo como se operacionaliza a identificação de uma língua. Falta, contudo, uma maior aproximação do estudo das habilidades discriminatórias e de *parsing* da criança com o estudo do processamento linguístico pelo adulto. No que diz respeito à pesquisa conduzida no Brasil, o envolvimento relativamente tardio com a aquisição da linguagem e o processamento da linguagem favorece um distanciamento crítico e visão panorâmica de diferentes enfoques para a aquisição da linguagem, o que nos permite rever propostas consideravelmente influentes nos estudos de orientação gene-

ralista e funcionalista do ELC, as quais são voltadas para temas que dificilmente chamariam a atenção daqueles que abordam a aquisição da linguagem a partir de uma perspectiva “modular” (como as funções das formas pronominais). O tratamento desses temas sob perspectiva oposta àquela com que são usualmente investigados possibilita, não obstante, que se questionem os fundamentos de hipóteses que prevêem generalizações entre domínios cognitivos, no que diz respeito ao desenvolvimento, e que se considere a possibilidade de o modo como se opera o processamento da linguagem contribuir para minimizar o que a criança supostamente deveria aprender no que diz respeito ao uso da língua — possibilidade que não se vê explorada no estudo da aquisição da linguagem. O estudo da aquisição da linguagem sob a perspectiva do processamento ainda encontra-se, não obstante, pouco difundido no Brasil. Novamente, é possível que estudos que focalizam o problema da aquisição da linguagem do ponto de vista de uma teoria de gramática e estudos que focalizam a operacionalização da aquisição da linguagem do ponto de vista do processamento linguístico venham a articular-se, quando a relação entre modelos de língua e modelos de processamento vier a ser melhor estabelecida.

Referências Bibliográficas

- Bates, E. & MacWhinney, B. (1982). Functional approaches to grammar. In E. Wanner & L. Gleitman (Eds.). *Language acquisition: The state-of-the art*. New York: CUP.
- Bever, T. G. (1970). The cognitive basis for linguistic structures. In J. R. Hayes (Ed). *Cognition and The Development of Language*. New York: John Wiley.
- Bresnan, J. (1978). A Realistic Transformational Grammar. In M. Halle, J. Bresnan, G. A. Miller. (Eds). *Linguistic Theory and Psychological Reality*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Chomsky, N. (1965). *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- _____. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- _____. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass: MIT Press.

- _____. (1997). New Horizons in the Study of Language. *D.E.L.T.A.*, vol.13, no. Especial, 1-20.
- Christophe, A. & Dupoux, E. (1996). Bootstrapping lexical acquisition: The role of prosodic structure. *The Linguistic Review*, p. 383-412.
- Corrêa, L. M. S. (1995a). A plurifuncionalidade do pronome referencial no desenvolvimento lingüístico reconsiderada. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Vol.29, p. 153-162.
- _____. (1995b). The relative comprehension of relative clauses: A Procedural account. In K. Nelson & Z. Reger (Eds.) *Children's Language*. Vol. VIII. Hillsdale, N, J. : Lawrence Erlbaum Assoc.
- Corrêa, L. M. S. (1996). Dificuldades e potencialidades do uso do método experimental no estudo da aquisição da linguagem. Em M. F. P. de Castro (org.) *O método e o dado no estudo da linguagem*, Campinas, Ed. da Unicamp.
- _____. (1998). O processamento da concordância na anáfora pronominal. *Projeto Integrado*, CNPq.
- _____. (1999a). A produção de sentenças no discurso e a questão da referência pronominal na aquisição de linguagem recolocada. In L. G. Cabral & J. Morais (Eds). *Investigando a Linguagem: Ensaios em Homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. Florianópolis: Ed. das Mulheres.
- _____. (1999b). Acessibilidade diferenciada e fatores estruturais no processamento da anáfora pronominal. *Anais de II Congresso Nacional da ABRALIN*. Florianópolis. (no prelo)
- de Andrade, T. C. C. (1997). Do arquireflexivo ao reflexivo: um estudo sobre aquisição do português. *Tese de doutorado inédita*. PUC-Rio.
- Fodor, J. A., Bever, T. G. & Garret, M. F. (1974). *The Psychology of Language: An introduction to psycholinguistics and generative grammar*. New York: McGraw Hill.
- Gathercole, S. E. & Baddeley, A. D. (1993). *Working memory and language*. Hove: Lawrence Erlbaum Assoc.
- Gleitman, L. (1994). The structural sources of verb meaning. Em P. Bloom (Ed.). *Language Acquisition: Core Readings*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Jusczyk, P. W. (1997). *The Discovery of Spoken Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Hickmann, M. (1991). The development of discourse cohesion: Some Functional and Cross-Linguistic Issues. In G. Piéaut-le Bonniec & M. Dolitsky (Eds.) *Language Bases...Discourse Bases*. Amsterdam: Benjamins.
- _____. (1997). Organização do discurso e o desenvolvimento da referência à pessoa, espaço e tempo. Em P. Fletcher & B. MacWhinney (Eds.) *Compêndio da Linguagem da Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kandel, E.R., Schwartz, J. H. & Jessel, T. M. (1991). *Principles of Neural Science*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 3ª edição.
- Karmiloff-Smith, A. (1979). *A functional Approach to Child Language: A Study of Determiners and Reference*. Cambridge: CUP.
- _____. (1985). Language and cognitive processes from a developmental perspective. *Language and Cognitive Processes*, vol.1, no.1, p. 61-85.
- _____. (1987). Function and Process in Comparing Language and Cognition. Em M. Hickmann (Ed.) *Social and Functional Approaches to Language and Thought*. New York: Academic Press.
- _____. (1992). *Beyond Modularity*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- Matthews, A. & Chodorow, M. S. (1988). Pronoun resolution in two-clause sentences: Effect of ambiguity, antecedent location and depth of embedding. *Journal of Memory and Language*, 27, 245-260.
- Mehler, J., Segui, J., Pittet, M. & Barriere, M. (1978). Strategies for sentence perception. *Journal of Psycholinguistic Research*, 7, 3-16.
- Mehler, J., J. P. W., Jusczyk, G., Lambertz, N, Halsted, J. Bertoncini, J. & Amiel-Tison, C. (1988). A precursor of language acquisition in young infants. *Cognition* 29, 144-178.
- Pinker, S. (1987). The bootstrapping problem of language acquisition. Em B. MacWhinney (Ed.) *Mechanisms of language acquisition*. Hillsdale: New Jersey: Lawrence Erlbaum Assoc.
- Rodrigues, A. (1998). A concatenação e a coordenação de orações na fala de crianças. *Trabalho apresentado no XII Encontro Nacional da ANPOLL*, Unicamp.
- Slobin, D. I. (1973). Cognitive pre-requisites for the development of grammar. In C. A. Ferguson & D. I.Slobin (Eds). *Studies of Child Language Development*. New York: Holt, Reinhart & Winston.

- Smith, N. & Tsimpili, I. (1995). *The mind of a Savant: Language, Learning and Modularity*. Oxford: Blackwell.
- Stevenson, R. J., Crawley, R. A. & Kleinman, D. (1994). Thematic roles, focus and representation of events. *Language and Cognitive Processes*. 9 (4), 519-548.